



Ano I - nº. 9
Fevereiro - 2015

Opinias

UMA REVISTA DE IDEIAS, PENSAMENTOS E PONTOS DE VISTA

Falência do ensino

**Deveres do
poder público**

**O menor
país do mundo**

**Uvas brancas
para o verão**

Fio da navalha

Quem nunca se sentiu alguma vez em situação tão delicada e que gerou tanto medo e apreensão a ponto de perder as esperanças de uma solução ou saída para o problema? E quanto desequilíbrio pode gerar o tal momento onde vulgarmente se diz estar no tal “fio da navalha”? Em determinado momento parece que as coisas rodopiam num turbilhão sem fim, fazendo com que tudo pareça irremediavelmente perdido.

Tratando-se de situações pessoais e isoladas, onde os que nos cercam não se encontram da mesma forma, sempre existe uma possibilidade de conseguir ajuda dos que estão do lado de fora do problema, pois de lá, a visão do distúrbio é totalmente diversa, o que propicia alguma expectativa de encontrar uma solução. Complicado é quando o tal turbilhão ganha amplitudes maiores, envolvendo o núcleo familiar, a vizinhança, o bairro, a cidade até que penetra em todas as frestas da sociedade, abalando de uma só vez, e com sintomas bem semelhantes, a toda uma nação. Parece que é este o momento em que nos encontramos atualmente.

A inversão de valores, a deterioração política e de entidades públicas com a disseminação desenfreada de atos ilícitos, desvios e má conduta de pessoas que deveriam dar o exemplo são como células doentes que, em metástase, alastram-se pela sociedade, causando mal estar, insegurança, medo, revolta e uma miríade de sensações ruins. A falta de perspectiva de que possa haver alguma solução provém do fato de que o mal é tão extenso, que não vemos ninguém do lado de fora com isenção e equilíbrio suficientes para indicar a saída. Resta-nos então ter esperança e atitudes positivas para reverter o quadro.



MARCOS GIMENES SALUN
Jornalista
São Paulo - SP
msalun@uol.com.br

Expediente

OPINIÁS - ANO I - nº. 9 - Fevereiro 2015 - Publicação virtual mensal da **Rumo Editorial Produções e Edições Ltda.** * **Diretores:** Marcos Gimenes Salun, Luciana Gomes Gimenes e Naira Gomes Gimenes * **Editor e Jornalista Responsável:** Marcos Gimenes Salun (MTB 20.405-SP) * **Revisão:** Equipe Opínias. * **Redação e Correspondência:** Av. Prof. Sylla Mattos, 652 - conj.12 - Jardim Santa Cruz - São Paulo - SP - CEP 04182-010 *E-mail:* rumoeditorial@uol.com.br - Tels.: (11) 2331-1351 Celular (11) 99182-4815. **BLOG:** <http://opinias2014.blogspot.com.br/> * **Colaboradores desta edição:** Carlos Augusto Ferreira Galvão (SP), Haroldo Pereira Barboza (RJ), Tom Coelho (SP) Carlos Eduardo de Oliveira (SP), Gisleno Feitosa (PI), Luciana Gomes Gimenes (SP), Roberto Antonio Aniche (SP), Helio Moreira (GO), Rodrigo Contrera (SP) e Josyanne Rita de Arruda Franco (SP). Matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores a quem pertencem todos os direitos autorais. PERMITIDA a reprodução dos artigos desde que citada a fonte e mencionada a autoria.

Sumário

- 03** **Convulsões & revoluções**
O psiquiatra Carlos Galvão faz uma analogia entre uma manifestação física e suas semelhanças com o ambiente social.
- 04** **Falência orquestrada**
Haroldo Pereira Barboza faz uma análise crítica da caótica situação da educação e da cultura nos dias atuais no Brasil
- 09** **Deveres do poder público**
No artigo de Tom Coelho um elenco das principais obrigações e deveres do estado para com os cidadãos.
- 10** **Uvas brancas no verão**
Um desfile das principais uvas brancas que proporcionam bons vinhos para degustar no verão na coluna de Carlos Eduardo de Oliveira
- 14** **Samuel Jean Pozzi**
Gisleno Feitosa escreve uma pequena biografia de Samuel Pozzi, cirurgião ginecologista francês, interessado em antropologia e neurologia.
- 17** **Dicas e links na net**
Luciana Gomes Gimenes apresenta nesta edição algumas dicas e links para quem se interessa por criatividade, talentos e versatilidade da internet.
- 18** **O menor país do mundo**
Curiosidades e informações pitorescas sobre o menor país do mundo estão no interessante artigo de Roberto Antonio Aniche.
- 20** **A força da imagem**
O artigo de Helio Moreira fala sobre literatura ficcionista e utiliza o escritor americano John Steinbeck para ilustrar sua argumentação.
- 22** **Sentir-se amado**
O jornalista Rodrigo Contrera fala sobre amor e desamor em sua crônica carregada de reflexões sobre as dificuldades de sentir-se amado.
- 24** **Lápide**
Com muita sensibilidade Josyanne Rita de Arruda Franco trata de um tema que muitos preferem evitar em um belo soneto.



Participe você também!

Envie seu artigo ou comentários e embarque nesta aventura numa de nossas próximas edições:
rumoeditorial@uol.com.br

Convulsões &

REVOLUÇÕES

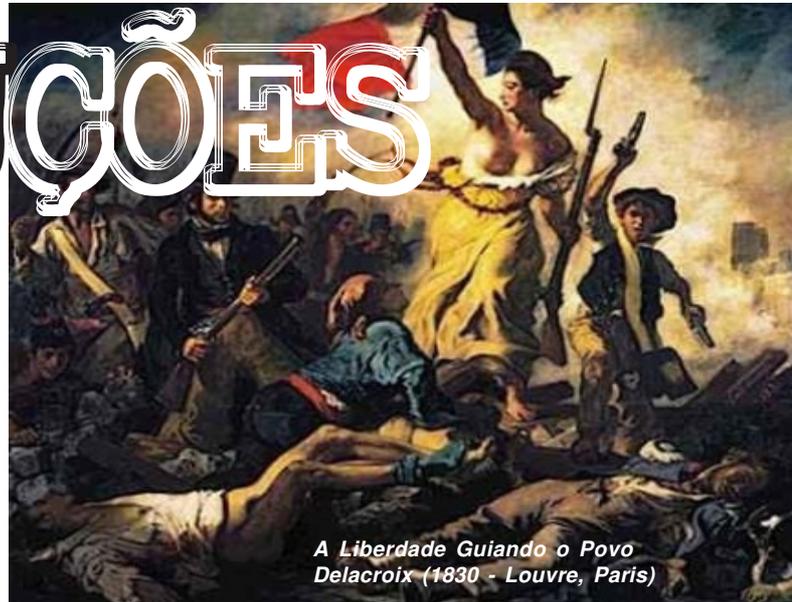


Por
CARLOS AUGUSTO GALVÃO
Psiquiatra
São Paulo - SP
carlosafgalvao@terra.com.br

UMA DAS ATIVIDADES mórbidas mais horrorosas de se observar é um ser humano convulsionando. O indivíduo perde a consciência, apresenta quedas (onde é comum machucados de maior ou menor gravidade devido a estas quedas) e debate-se em movimentos anárquicos. Para um leigo que observa é a própria morte acometendo este indivíduo. Trata-se de uma manifestação clínica que acusa, ou uma doença convulsiva (epilepsia), ou um sintoma de que algo está agredindo o sistema nervoso do acometido.

Nas sociedades humanas observamos estados de sublevação ou desobediência que gera movimentos denominados de convulsões sociais (talvez em analogia a anarquia que se observa em uma convulsão), quando os liderados começam a desconfiar dos líderes. Nestes casos observamos queda na produção, desobediência e multidões revoltadas nas ruas, reagindo ao que consideram injustiças ou desonestidade dos que dirigem esta sociedade. Geralmente tais movimentos terminam em revoluções, que pode ser sintetizada na troca traumática dos dirigentes, geralmente “temperadas” com violência, mortandades e lutas encarniçadas entre as forças políticas rivais.

Na história da humanidade observa-se, desde o início, estes movimentos revolucionários, com causas muito variadas, mas todas com as características de revolta e indignação das comunidades onde acontecem. A primeira de que se tem notícia, aconteceu no Egito antigo, quando um Faraó de nome Akinaton rompeu com a religião do império, e criou outra, monoteísta, que tinha o sol como deus supremo. Poucos anos depois, os religiosos marginalizados, ressurgiram com violência, causaram muitas mortes e terminaram com esta dinastia, iniciando outra, a dinastia de Ramses que era o comandante de Akinaton.



*A Liberdade Guiando o Povo
Delacroix (1830 - Louvre, Paris)*

Ainda hoje, muitos milênios depois, as revoluções ainda acontecem pelas mesmas causas. O mundo atual apresenta conflitos por religiões, por economia e por injustiças. Risco que nenhuma sociedade está imune. No Brasil, observamos muitos movimentos revolucionários, de sublevação e mesmo de convulsão social. A província do Pará, em 1835, com sua população desencantada com os rumos da independência de Pedro I, revoltou-se, tomou Belém do Pará e rompeu a ordem política do império, elegendo diretamente seus dirigentes. O movimento durou cerca de 2 anos, e terminou com mais de 50.000 mortos numa população de pouco mais de 100.000 habitantes.

Repete-se no Brasil de hoje todas as condições para revoltas sociais que podem levar à uma convulsão social. Um governo ainda em seus primeiros dias, mas que perdeu quase a totalidade do apoio que o elegeu, enfrentando gravíssima crise econômica, e uma percepção aguda de que algo vai acontecer. Preocupa e muito as perspectivas e urge que a nação, nestes difíceis caminhos que ora trilha, mantenha a cabeça fria para que as mudanças exigidas (em especial a decência, a honestidade e a dignidade), sejam conseguidas sem, ou com um mínimo, de traumas.

Educação

e

Cultura



Por
HAROLDO PEREIRA BARBOZA
Analista de Sistemas
Rio de Janeiro - RJ
hpbflu10@gmail.com

Falência orquestrada

4

AS CRISES EM ANDAMENTO em relação à educação estão sempre na moda. Em vários momentos pipocam greves de professores prejudicando a sociedade e impedindo que ela tome consciência de como conduzir seus anseios. Escolas são interditadas por imposição de traficantes ou de goteiras. Divergências salariais que deveriam estar sendo resolvidas nas mesas das escolas, constantemente emperram na Justiça de forma premeditada para esfacelar o ânimo dos formadores de opiniões, com a nítida impressão de que foram programadas para causar um caos sem precedentes entre os jovens já sem grandes esperanças, mesmo quando portadores de seus diplomas. Na verdade, estas crises vieram de longe em dois sentidos: tanto no nível como no tempo. A prática da “ditadura sem valor” impera na maioria das entidades de orientação estudantis e as decisões são tomadas pelas administrações sem consultar alunos, pais, professores e funcionários de apoio.

Milhares de escolas básicas públicas que deveriam ser exibidas na tv no horário nobre estão literalmente caindo aos pedaços. Goteiras, janelas empenadas, vidros quebrados, instalações sanitárias entupidadas, com risco de doenças, fios prontos para um curto circuito, tacos soltos, quadros pendurados com parafusos de menos, telhas com furos demais e outras dezenas de mazelas. Outros agravantes para torná-las inviáveis: filas desumanas das matrículas nas madrugadas frias, indicação de escolas longe das residências dos alunos,

merenda de baixo nível - a verba é desviada antes de chegar às escolas -, falta de livros nas bibliotecas, quadros negros, verdes ou brancos, sem manutenção, falta de carteiras, com dois ou três alunos em cada, laboratórios cheios de baratas, traças e percevejos no lugar de camundongos. Corte nas verbas de cursos de aperfeiçoamento dos professores e claro, o congelamento de um salário imoral para quem tem o prazer de ensinar. Isto é o que ainda as mantém em funcionamento. E por falta de condições, verbas e material, não conseguem se aprimorar para dar aulas com uma qualidade mínima para se formar um cidadão preparado para viver em sociedade e com conhecimento adequado para lutar por oportunidades de trabalho decente, suprir as necessidades da família e defender a pátria contra as raposas internacionais que patrocinam esta degradação coletiva com a conivência das ratazanas que gerenciam nossa pátria para manterem volumosos os celeiros de mão de obra barata.



Mas estas mazelas não são exclusividade do nível básico. Visitem as instalações do Pedro II, da UFRJ ou da UERJ. O quadro de abandono é similar ou pior. E para garantir que o funcionamento seja inadequado mesmo que haja um sacrifício elevado de mestres, funcionários e alunos, reitores impopulares são colocados no comando (lembram do Vilhena?) para garantir que o ambiente de entusiasmo não evolua. Dentro da Biblioteca Nacional (RJ) existem mais rebocos caindo e ratos do que leitores! Neste cenário, não é de surpreender que nossos jovens se sintam desestimulados e os mais fracos de mente, afastados da religião e com família desestruturada, se tornem presas fáceis das drogas.



Pensam que isto é o pior? Pois saibam que entidades de alto gabarito como IME, Agulhas Negras e outras, estão reduzindo a pressão sobre as matérias para que consigam formar turmas com mais de 10 alunos, para encobrir a falência total do sistema educacional. Elas também sofrem sabotagem para provocar a queda de qualidade de seus serviços. Por isto já não temos patriotas como os valorosos lutadores de 50 anos atrás. No lugar do hino que poucos ouvem nas escolas, estão aprendendo as letras que revelam que realmente estamos “dominados” por “cachorras popozudas” e “soldados dos bondes”. Nossos ídolos não são (já foram?) os valentes patriotas que no passado tombaram por uma pátria independente. Nossos jovens idolatram atletas botinudos, apresentadoras de programas de auditório e artistas que exibem suas partes íntimas durante o jantar da família, mental e moralmente fragilizada, pois já não encontra sustentação na religião, denegrada por templos com fins lucrativos, prática elevada da pedofilia e silêncio de seus líderes conceituados que não encontram espaço adequado para esclarecer a população atônita.

As escolas municipais, e provavelmente as estaduais também, “orientam” que as professoras aprovelem seus alunos mesmo que a média anual seja abaixo de UM. Três motivos conduzem para esta prática:

a) os traficantes ameaçam professores que reprovam parentes menores daqueles; b) o município perde verba federal por cada aluno reprovado; c) os alunos agora estão agredindo os professores sob o imundo manto da imunidade do “di menor”.

Não fica difícil imaginar como anda a cultura em nossa pátria. Teatros abandonados, cinemas falidos, bibliotecas sendo devoradas por traças, museus com goteiras. Alguns valentes sítios de informática tentam criar

um canal de sobrevivência das letras, assim como outras tantas entidades culturais patrocinam heroicamente concursos literários, tendo em vista que não há incentivo de leitura de livros que representam armas perigosas que podem abrir mentes e formar opiniões contrárias ao regime que nos conduz. Todos estes veículos sobrevivem com água no queixo. Qualquer marola mais forte os afoga. Não há nenhuma linha de crédito que os beneficie. Quem se arrisca a patrocinar uma destas entidades chega a receber “gelo” dos

demais integrantes da máfia do poder. Em paralelo despejam as palavras estrangeiras em todas as campanhas publicitárias, trazendo-nos mais dificuldades em absorver a linguagem nativa. Dificultam a comunicação entre nós para impedir que as ideias de uma cruzada buscando a verdadeira independência de nossa pátria possam ser costuradas entre os que não foram totalmente anestesiados pelos abutres que apenas desejam nos manter colônia por mais 500 anos.

Não fica difícil imaginar como anda a cultura em nossa pátria. Teatros abandonados, cinemas falidos, bibliotecas sendo devoradas por traças, museus com goteiras.

E para culminar, mantém latente o estado de pânico, desespero e desestímulo entre os componentes que sustentam a estrutura da disseminação do saber entre os alunos. Os salários congelados e ridículos traduzem o menosprezo que os dirigentes possuem pelo povo, mas não esquecem de legislar em causa própria, propondo 15º salário até para quem foi cassado por manipular o painel eletrônico do Senado. Com dois meses de antecedência - antes do início do ano letivo - não sentam para negociar com os professores e assim, criam as condições para que as greves prolongadas aconteçam no meio do processo já combalido. Mas o reajuste legislativo é aprovado em 15 minutos, durante a madrugada.

Tal procedimento se faz necessário para que o processo de manter o povo na obscuridade continue em andamento para garantir mão-de-obra por remuneração baixa. As elites do poder não desejam correr o risco de um despertar cívico em massa, que causará a descoberta por parte da população, do quanto foi espoliada por dezenas de anos através de impostos desumanos sem aplicação honesta. Se ainda tivesse sido pelo bem do país, vá lá. Mas para sustentar mordomias de ratazanas permanentes dos gabinetes que não sabem sequer lavar um copo, é doloroso.

6

E o resultado desta política de abandono e menosprezo pelo povo, resulta na falta de oportunidade que nos conduz à miséria e à revolta por parte daqueles que percebem que estão sendo varridos para baixo do tapete junto com a lama dos escândalos que pipocam nas altas esferas dos governos e são engavetados cinicamente apesar do clamor público. Na verdade, empurrados para favelas inchadas que acabam servindo de ótimos esconderijos para os bandidos das armas de fogo. Os bandidos que portam canetas de ouro continuam instalados em entidades sociais bem refrigeradas, na posição de dirigentes de nossos destinos. Aos “alienados mentais” fabricados e sem oportunidades de crescerem dignamente como seres humanos são oferecidos programas de qualidade duvidosa, santuário popular da mediocridade onde o participante que elabora uma frase com cinco palavras é considerado “gênio”. Em paralelo, ocorre um processo sistemático de descaracterizar nosso linguajar, incorporando com grande força à nossa linguagem, termos estrangeiros que são “aportuguesados” nos grandes centros e tornam-se hieróglifos alguns quilômetros após a fronteira com o interior.



Será que o que nos resta é abaixar a cabeça e permanecer colônia à espera de um messias de alguma história da carochinha? Mas nossos heróis não são Tiradentes, Dom João VI, Anita Garibaldi, Caxias, Oswaldo Aranha, Monteiro Lobato, Carlos Lacerda, Assis Chateaubriant nem Barbosa Lima Sobrinho. Hoje foram substituídos por personagens de histórias em quadrinhos ou antiheróis de baixo quilate. Em comum, suas mensagens subliminares de hipnose do povo que já não sabe mais identificar sua cidadania e dignidade e fica “agradecido” quando há alguma promoção no kit de sanduíches de alguma lanchonete multinacional.

Afinal de contas, quando nossas crianças terão direito de estudar e brincar usando nossos valores e nossas culturas tradicionais? Por quanto tempo mais teremos de gerar crianças famintas para garantir o estoque de escravos dos níqueis? Como elas poderão crescer sem medo depois de ouvirem canções de ninar cujas letras são negativas? Assustam canções como o “Boi da cara preta”, ameaçam “Marcha soldado”, acusam “A canoa virou”, desgraçam “O cravo e a rosa”... Certamente tendem a chegar ao mercado de trabalho com receio de competir, questionar ou protestar para defender suas convicções! Quando pedagogos de gabarito terão suas sugestões analisadas pelo Ministério da Educação para a normatização de uma política que eduque e forme cidadãos conscientes de suas escolhas? Quando os alunos voltarão a respeitar seus Mestres?

As elites do poder não desejam correr o risco de um despertar cívico em massa, que causará a descoberta, por parte da população, do quanto foi espoliada por dezenas de anos através de impostos desumanos sem aplicação honesta.



A mudança da presidência em 2002 nos deu a impressão que poderíamos iniciar a longa caminhada em direção à dignidade. Não estávamos esperando mágicas para consertar em quatro anos o que foi arrebatado durante cinco séculos, com mais força nos últimos 30 anos. Apenas ficamos na expectativa de que a embarcação mudasse de rumo pelo menos uns 30 graus. Mas infelizmente a máfia do poder segue o trajeto para nos manter como eterna colônia e o povo cada vez menos afortunado se distancia da qualidade mínima de vida, que arranha de maneira profunda a dignidade e a soberania de nossa pátria. E culmina (será que ainda ocorrerão fatos piores?) com a lama proveniente da represa de esterco que está prestes a desabar, contribuindo para uma indesejável, mas inevitável, convulsão social que se aproxima e que certamente vitimará diversos inocentes. E a indiferença das autoridades com o destino do povo se reflete na atitude de parlamentares medíocres que, debochando dos eleitores, executam, por exemplo, a dança da pizza para comemorar a “inocência” de mais um dos tais picaretas no escândalo do “mensalão”.



O espírito de cidadania latente em cada coração encontra-se amordaçado em grande parte da população que foi doutrinado pela mídia viciada a comportar-se como mero zumbi pagador de impostos e consumidor de supérfluos. Trabalhamos quatro meses apenas para atender à carga tributária! A luz de libertação de nossa dignidade que procuramos há décadas, deve estar dentro de alguma cova, tendo em vista que o túnel já desmoronou há bastante tempo. A hipocrisia da sociedade que a tudo assiste sem esboçar reação, certamente está nos garantindo a condição de colônia por mais cinco séculos. Em pesquisa de qualidade de ensino realizada no mundo do final de 2005 entre 142 países, o Brasil figurou na 126ª posição em índice de repetência, mesmo com as aprovações por decreto. Camboja e Haiti estão melhores que nós.

Talvez seja o caso de efetuarmos uma permuta justa: mandamos tropas de competentes militares para o Haiti. Em troca, devemos receber uma comissão de docentes para mostrar-nos um sistema de ensino mais adequado para quem pretende evoluir como nação, através das ações de administradores comprometidos com as causas sociais que elevem nossa qualidade de vida.

Nossa caminhada na trilha da democracia está comprometida pelo padrão de dirigentes corruptos que poluem nosso cenário impunemente com a nossa convivência, realçada pela passividade com que aceitamos as artimanhas montadas de forma que possam perdurar no comando pelo maior tempo possível. Algo que ficou mais fácil com o advento das urnas eletrônicas “confiáveis”. Se, mesmo depois de aposentado eu ainda devo conseguir criar atalhos em programas que só serão descobertos uns dois meses após o pleito, imaginem do que é capaz um rapaz entre 15 e 20 anos que passa oito horas por dia em frente ao teclado.

8 E nossas últimas esperanças de reverter o rumo da nau Brasil estão precisando ser costuradas, pois estão esgarçadas pelo abandono por parte de nossas entidades cívicas responsáveis por mantê-las sempre em expansão. O silêncio impera entre os chefes militares que assistem à degradação moral de nossos símbolos sob a estátua de valorosos patriotas que tombaram pela tentativa de nos libertar. A mordaca também cala as vozes de literatos acadêmicos, advogados de primeiro nível, chefes religiosos influentes e líderes sindicais que assistem o rebanho sendo dizimado de dentro para fora para servir de alimento para os abutres internacionais. E assim, através da ignorância alimentada pela censura do conhecimento básico, continua proliferando o preconceito, principalmente através do salário e falta de oportunidade que marginaliza pessoas de peles escuras, deficientes físicos, mulheres que engravidam e são afastadas do emprego, optantes por religiões diversas, idosos que cuidaram de nossa infância e crianças que andam descalças e não recebem apoio para enveredar pela estrada da oportunidade. Tudo isto

agravado pela baixa compreensão de cidadania, traduzida pelos pequenos atos de nossos desleixos, que somados, trazem enormes prejuízos de desperdício, reposição e manutenção em todas as áreas de nossa sociedade doente e que ninguém tem coragem de diagnosticar e aplicar os remédios adequados. Mesmo que amargos. Quando o povo terá visão para buscar conhecimentos para contabilizar, fiscalizar, denunciar e controlar a ânsia dos devoradores de nossa dignidade?

Desta forma nossa pátria vai sendo esfacelada lentamente (não tão lentamente assim!). Degradação paulatina das vias de educacionais, escoamento ilícito de nossas riquezas para as nações exploradoras, redução da qualidade de vida dos nativos dóceis e sem garra para defender nossa dignidade.

Se um dia for estabelecido que filhos e netos de parlamentares de qualquer esfera tenham de estudar em escolas públicas, certamente este segmento deve melhorar pelo menos 80% em cinco anos. No entanto, tal mudança não deve ser implementada pois eles próprios conhecem sua incompetência para administrar a área pública. Suas cabeças apenas se limitam a montar “esquemas” para subtrair divisas dos cofres públicos enquanto o povo paspalho perde tempo e dinheiro telefonando para salvar uma desnuda do paredão de algum *reality show*...

Quando o corpo cambaleante começa a exibir sintomas de putrefação, com certeza a alma já foi corroída pela ausência da fé religiosa e pela falta de ânimo para lutar por adequadas oportunidades para criar condições por uma vida de melhor qualidade para si e para seus herdeiros.

No Nordeste escolas estão sendo fechadas por falta de alunos, pois crianças estão sendo colocadas em atividades profissionais com menor remuneração enquanto seus pais ficam nas redes aguardando as bolsas demagógicas. Em outras regiões escolas fecham por falta de professores pois a profissão não atrai “sofredores” com os salários indignos oferecidos e falta de apoio corrompido pelo estatuto do menor.

Com o advento de Smartphones que resolvem até equações, é fácil prever que estes ajudarão as próximas gerações de zumbis a se tornarem habilidosos “apertadores de teclas” de fúteis trocas de mensagens que consagram a imbecilidade que perpetua os ratos do poder.

*Pátria educadora.
Pátria educadora.
Pátria educadora.
Pátria educadora?*

OS DEVERES DO PODER PÚBLICO



Por
TOM COELHO
Educador, conferencista
e escritor
São Paulo - SP
tomcoelho@tomcoelho.com.br

HÁ ANOS A ADMINISTRAÇÃO pública em nosso país, em todas as esferas de governo, tem terceirizado aos cidadãos suas atribuições básicas.

Assim, é impraticável abrir mão de um convênio médico e odontológico, ficando à mercê do sistema público de saúde, formado por hospitais lotados, carência de médicos e espera superior a três meses para uma simples consulta.

O mesmo se aplica à educação. Para oferecer um ensino de qualidade aos nossos filhos, precisamos recorrer a instituições privadas. E no mundo corporativo, cabe às empresas formar e capacitar os profissionais contratados, que chegam ao mercado de trabalho absolutamente despreparados, entregando baixa produtividade que impacta diretamente a competitividade. É o chamado “apagão da mão de obra”, decorrência direta dos analfabetos funcionais que têm sido despejados pelas escolas públicas e seu sistema de progressão continuada.

Com relação à segurança, outra das garantias previstas na Constituição Federal, temos que instalar alarme residencial, cerca elétrica e viver em condomínio, além de fazer seguro de nossos bens e, em breve, andar em carro blindado, selecionando criteriosamente os locais e horários para circular nas ruas.

Agora, diante da crise hídrica, será necessário instalar cisternas, poço artesiano ou ampliar a capacidade do reservatório existente, além de adaptar a tubulação interna para aproveitar a água de reuso. E para acessar a energia elétrica, teremos que adquirir gerador, instalar coletores de energia solar e também adaptar o sistema de distribuição desta fonte alternativa de energia.



O poder público tem o dever de agir, o que significa atender com celeridade aos interesses dos cidadãos, antecipando-se mediante planejamento às demandas essenciais. Tem o dever da eficiência, utilizando os recursos com efetividade e presteza. Tem o dever da probidade, agindo com ética, integridade e retidão. E tem o dever de prestar contas, atestando a prática dos deveres mencionados anteriormente.

Contudo, o que temos observado, salvo raras exceções, é a inépcia administrativa e o saqueamento do erário público. Tudo isso com a população arcando com uma carga tributária de “apenas” 37% do PIB.

Qual o limite de nossa leniência? Até quando iremos suportar tanta negligência e omissão? Ou estaremos fadados a um retrocesso contínuo e progressivo, até o colapso social?

Tom Coelho é educador, conferencista e escritor com artigos publicados em 17 países. É autor de “Somos Maus Amantes – Reflexões sobre carreira, liderança e comportamento”, “Sete Vidas – Lições para construir seu equilíbrio pessoal e profissional” e coautor de outras seis obras.

Visite: www.tomcoelho.com.br.

UVAS BRANCAS

Às vezes renegadas,
muitas vezes amadas;
quase sempre a pedida
certa em vinhos
para o verão



Por
CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA
Engenheiro
Santo André - SP
carlos@sabbahi.com.br

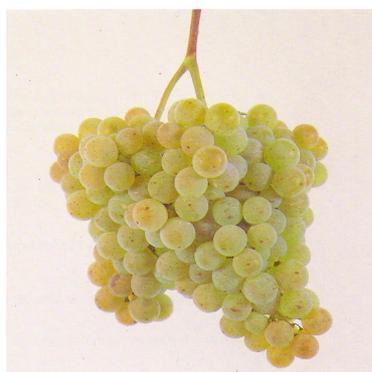


Salut, les amis!

NA MINHA COLUNA DE JANEIRO deixei algumas dicas de vinhos ideais para o verão - em sua grande maioria vinhos brancos, por tratarem-se de vinhos muitas vezes mais leves e ácidos - portanto, mais refrescantes. Abaixo o preconceito explícito muitas vezes naquela frase: “só bebo tintos”! Vamos continuar tratando desse assunto conhecendo um pouco mais das principais cepas brancas mais utilizadas ao redor do mundo.



10



ALVARINHO

Manjadíssima uva branca dos Vinhos Verdes portugueses, (nos quais podem entrar também no corte a loureiro, a arinto e a trajadura) a alvarinho encontra sua maior expressão mesmo na Península Ibérica, na região fronteira entre Portugal e Espanha. Galícia, Rias Baixas e Vinho Verde são suas principais denominações. Gera vinhos leves, frescos, elegantes e bem equilibrados, frequentemente com baixo teor alcoólico, com muito boa acidez, com aromas de damascos, frutas de carne branca (pêssego, pêra), cítricos e flores brancas. O Vinho Verde (o adjetivo é relativo à maturação, e não à cor do vinho...) é

engarrafado muito cedo e muitas vezes libera um restinho da fermentação na própria garrafa, resultando em pequenas bolhas de gás, quase imperceptíveis a olho nu, mas que proporcionam uma leve sensação de efervescência na boca (a chamada “agulha”). No Dão alguns vinhateiros estão experimentando maturar o alvarinho em barricas de carvalho. Um ótimo exemplar português é o Soalheiro, produzido sem passar por madeira, na região do Melgaço. Um enólogo português – Miguel Ângelo Almeida – está conduzindo grandes projetos na Miolo, entre estes um belo alvarinho proveniente da região da Campanha Gaúcha.



Chardonnay (*chardonê ou chardoné - dependendo do sotaque francês*)

Certamente a cepa branca mais difundida da face da Terra, esta uva dá origem a uma ampla gama de estilos de vinhos: de vinhos leves, cítricos e minerais, que não passam por barrica de carvalho (em geral de climas mais frios) a vinhos gordos, amanteigados, com aromas de frutas tropicais (manga, abacaxi), creme e baunilha, este último proveniente da criação em barrica de carvalho. Talvez o ponto em comum sejam as nuances de frutas brancas como a maçã e a pêra. O supra-sumo do chardonnay é a

região da Borgonha, na França, onde na sua região central (a Côte d'Or) gera vinhos desse segundo estilo, embora mais finos e elegantes que os provenientes de outros locais mais quentes (Chile, Austrália e Califórnia, por exemplo), e ao norte da Côte d'Or, na região de Chablis, resulta em vinhos minerais e cítricos devido ao solo calcário da região. Esta uva também é muito importante na produção do *champagne*, onde pode entrar em *assemblage* com a pinot meunier e a pinot noir, entre outras cepas regionais, ou mesmo gerar o *champagne* “*blanc de blancs*”, ou seja, só de uvas brancas. Opções de boa relação qualidade/preço são os vinhos do sul da Borgonha, das regiões do Mâconnais e da Côte Chalonnaise, bem como os bons produtores chilenos e argentinos, ainda mais acessíveis aqui no Brasil. Particularmente, sempre que pude beberiquei um Meursault, *village* da Borgonha que produz um vinho rico, amanteigado e com aromas de mel, amêndoas e nozes, ou um bom Chablis. Na América do Sul gosto do estilo mais seco e mineral da De Martino no Chile e os argentinos mais untuosos e amadeirados de Catena Zapata e Luigi Bosca.



Chenin Blanc (*chenã blã*)

Também originária da França, da região central do vale do Loire, onde dá à vida vinhos com ricos aromas de mel, maçã, goiaba branca e marmelo, além da característica mineral dos solos de *tuffeau* (uma espécie de calcário macio, micáceo e arenoso) ao longo do Loire, principalmente em torno de Vouvray, Savennières e Saumur, principais vilarejos produtores dessa uva, de onde provém vinhos espumantes, secos, meio-doces ou doces, estes últimos quando as uvas são atacadas pela “podridão nobre”, um fungo chamado

botrytis cinerea que desidrata os bagos concentrando o açúcar na fruta – tem aromas de pêssego e abacaxi em calda, açúcar mascavo e marmelo. Bonnezeaux e Quarts de Chaume são essencialmente denominações de vinhos doces. Sinceramente prefiro os vinhos secos da região – são mais finos e elegantes. Savennières produz grandíssimos vinhos brancos de guarda, entre eles o Coulée de Serrant, tido como um dos melhores do mundo; Clos de La Bergerie é o segundo vinho” de Nicolas Joly, proprietário do Coulée de Serrant e um dos baluartes da vinicultura biodinâmica – é mais acessível, mas ainda assim muito caro... Outro país que planta muita chenin é a África do Sul, onde os vinhos não expressam tanta complexidade, bem como na Austrália, Nova Zelândia, Califórnia ou Argentina.

Encontramos no Brasil boas e acessíveis opções de tradicionais produtores do Loire, principalmente Vouvrais, que podem ser espumantes, secos e meio-secos.





Gewürztraminer (*guevurstraminer*)

Talvez seja a uva branca mais aromática, liberando insinuantes aromas de lichia e pétalas de rosa. Resulta em um vinho fragrante, untuoso e redondo na boca, que acompanha muito bem comidas mais condimentadas. Cai como uma luva com moqueca ou comida de acento tailandês ou chinês. É comum na região da fronteira da França com a Alemanha, na região da Alsácia, que já pertenceu aos dois países (normalmente os vilarejos dali tem um nome germânico até hoje). Também é plantada na Nova Zelândia e na Itália, onde é conhecida por Traminer e não gera vinhos tão luxuriantes como os alsacianos. Já provei um bom – e barato – vinho brasileiro desta cepa, da Casa Valduga. Dependendo da safra, a acidez pode cair e, na minha opinião, o vinho se torna um pouco enjoativo. Tiro certo são os alsacianos.



Moscato

É assim conhecida na Itália, onde resulta no aromático e refrescante moscato d’Asti, na região noroeste. No Brasil, chamada de moscatel, também produz ótimos e descontraídos espumantes meio-doces. Uma das poucas – senão a única – cepa branca que tem o perfume de uva *in natura*, o que gerou inclusive o adjetivo *muscaté*, que os franceses utilizam para caracterizar um vinho com aroma de uvas. Conhecida com muscat, produz ricos vinhos doces com aromas de laranja cristalizada na Austrália, no sul da França (muscat de Beaumes-de-Venise, Frontignan e Rivesaltes) e na Espanha. Muscats secos são mais raros, produzidos principalmente na Alsácia, na Austrália e em Portugal. Moscatéis espumantes brasileiros são baratos, leves e refrescantes, os mais secos servem muito bem como aperitivo na beira da piscina e os mais doces acompanham sobremesas com cremes e frutas, como também vão muito bem com panetone. Já provei doces fortificados muito bons provenientes da Espanha (o Torres Floralis é muito rico, denso, com gosto de doce de laranja) e da França (o muscat de Beaumes-de-Venise de Paul Jaboulet Ainé é um estilo de vinho mais equilibrado, ácido e leve que o espanhol).



Sémillon (*semion*)

Esta uva produz vinhos secos na Austrália e na França, na região de Bordeaux, mas é nessa última que ela encontra sua maior expressão nos vinhos doces da região de Sauternes. Nesse lugar, às margens do Gironde, o vinhedo encontrou um clima úmido e nebuloso ideal para a propagação do *Botrytis cinerea*, a “podridão nobre” que concentra seu teor de açúcar. Colhidos à mão, muitas vezes um a um, esses bagos são vinificados com muito cuidado para produzir um néctar dourado, doce, com aromas de frutas cristalizadas e mel. Os Sauternes top são caríssimos, mas os châteaux Grand Cru costumam produzir também um segundo vinho, de muito boa qualidade e preço melhor, mas encontramos opções menos caras e com ótima qualidade no vilarejo vizinho de Barsac.



Viognier (*vionhiê*)

Cepa que origina vinhos com aromas inebriantes de damasco, marmelo e mel, muito perfumados, untuosos mas muito bem equilibrados, principalmente no sul da França, ao norte do vale do Rhône. Quando estive por ali provei ótimos Condrieu, região que cultiva exclusivamente viognier. A Austrália, Califórnia, Argentina e Brasil também produzem a viognier, mas não com a mesma expressão que a francesa. No Brasil já provei e indico viogniers franceses de Paul Jaboulet Ainé e Guigal, argentinos de Catena e Luigi Bosca, além do nacional Miolo RAR e Miolo Reserva.



Riesling (*rislin*)

Não é todo enófilo principiante que se apaixonou pela riesling à primeira vista – no princípio, o relacionamento é complicado... Às vezes, o bom vinho de riesling exala fortes aromas químicos de querosene, petróleo, fluido de isqueiro... pode parecer asqueroso, mas quando estes aromas se associam com equilíbrio aos aromas frutados de limão siciliano, lima, maçã, pêssegos e mel, ah! *mes amis*... é uma sensação inebriante! É a uva dos maiores vinhos alemães e aqui cabe um parêntese: a Alemanha produz

grandíssimos vinhos, mas ficou marcada com a baixa qualidade dos *liebfraumilch* que exportava como louca nas décadas passadas – OK, muitos de nós começou bebendo vinho com as famigeradas garrafas azuis, então agora podemos provar bons rieslings! Na região do Mosela eles são mais leves e menos aromáticos que no Rheingau. Difícil mesmo é compreender os rótulos dos vinhos alemães, com suas inúmeras categorias de vinho. Os nomes costumam expressar o grau de maturação das uvas na colheita, o que nem sempre se traduz no vinho... A grosso modo, Trockenberreenauslese é o mais doce, produto da podridão nobre. Beerenauslese é doce, Auslese o médio, Spätlese e Kabinnet são os menos maduros. Quanto à doçura, Halbtrocken é meio seco e trocken, seco. A Alsácia e a Áustria produzem ótimos riesling, também encontrados na Nova Zelândia, África do Sul e Estados Unidos. É difícil encontrar um bom riesling, e barato. Da Alemanha já experimentei muito bons de Dr. Bürklin Wolf, Domdechant Werner, Kloster Heilsbruck e Pfaffmann; da Alsácia, Marcel Deiss, Hugel, Dopff & Fiils e Bott Geil são boas opções.



Sauvignon Blanc (*sovinhon blã*)

Esta uva é cultivada em várias regiões da Europa e do Novo Mundo. Produz um estilo de vinho fresco, pungente, com aromas de vegetais frescos, cítricos e tropicais. Na França, na porção mais ao leste do vale do Loire, origina vinhos minerais, “crocantes” e com aromas de maçã verde e aspargos em denominações como Sancerre, Pouilly-Fumé e Menetou-Salon. Em Bordeaux ela demonstra também um aroma de grama cortada, quando entra nos cortes dos vinhos brancos

com a sémillon, resultando em vinhos mais austeros, muitas vezes criados em carvalho. No Chile (San Antonio e Casablanca), bem como em outros *terroirs* mais quentes, como na Espanha (Rueda, Navarra), atinge aromas mais frutados, cítricos. No país andino estão fazendo boas experiências com carvalho. Na Nova Zelândia o apetitoso sauvignon de Marlborough tem aromas de groselha verde, aspargos e maracujá. Boas dicas são os vinhos de Pascal Jolivet e Joseph Mellot no Loire, vinhos bordaleses da região de Entre-Deux-Mers (alguns, como o Château Chasse Blanc, o Château La Mothe du Barry e o Château de Mirambeau tem alta relação qualidade/preço), o neo-zelandês Vicar's Choice e os chilenos da Casa Marin e o Amayna Barrel Fermented, para quem faz questão de um toquezinho amadeirado.

13



chardonnay



sauvignon blanc



riesling



sémillon



chenin blanc



gewürztraminer

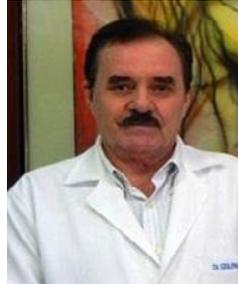


moscatel

SAIBA MAIS EM CONSERVADO NO VINHO

<http://www.conservadonovinho.blogspot.com.br/>

Samuel Pozzi e o JARDIM DAS SERPENTES



Por
GISLENO FEITOSA
Médico e escritor
Terezina - PI
gislenoffeitosa@uol.com.br



“Se o médico não conhecer a História da Medicina, será um autômato”
Samuel Pozzi, 1908.

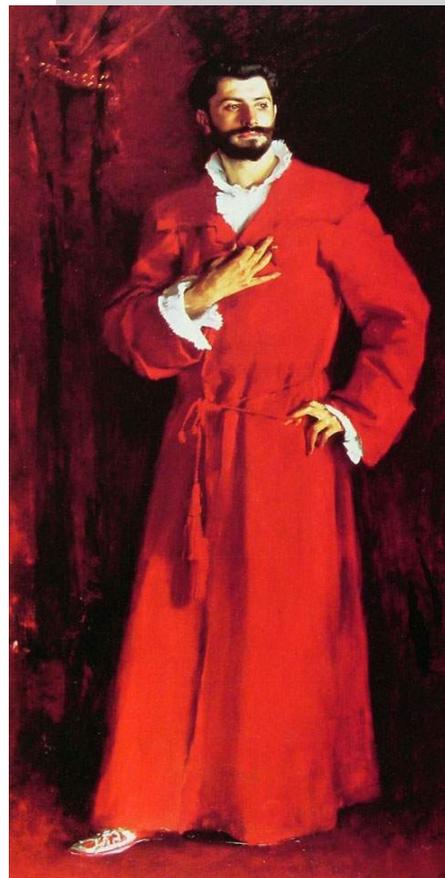
14

QUALQUER MÉDICO que tenha estagiado em alguma maternidade conhecerá a pinça de Pozzi, independente de ser ou não um tocoginecologista. Mas, quem teria sido Pozzi? Ele foi um cirurgião e ginecologista francês, interessado em antropologia e neurologia. Uma biografia interessantíssima, como veremos a seguir.

Samuel Jean Pozzi nasceu em Bergerac (Dordogne) no dia 03 de outubro de 1846. Estudou em Pau e depois em Bordeaux. Devido à sua bela aparência, aliada à sua inteligência e instrução, foi apelidado pelos colegas de “*Sereia*”.

Iniciou o curso de medicina em Paris, no ano de 1869 e logo se destacou entre os demais alunos, tornando-se um dos favoritos de Paul Broca. Como estudante, foi assistente de anatomia e seus primeiros trabalhos foram direcionados para antropologia e anatomia comparada. Formou-se em 1873 e, em 1875, foi promovido a *Agrégé* (efetivo) com uma tese sobre histerotomia no tratamento do fibroma uterino.

Em 1879, Pozzi casou com Teresa Loth-Cazalis, herdeira de um magnata das ferrovias, e teve três filhos: Catherine, Jean e Jacques. Não concordava com sua esposa que exigia a companhia da mãe, morando com eles. Isso desencadeou uma série de conflitos e trouxe desarmonia ao casamento.



Dr. Samuel Jean Pozzi at Home (1881)
John Singer Sargent
Armand Hammer Museum of Art, UCLA
Óleo sobre tela (202.9 x 102.2 cm)

Há relatos de que Pozzi tenha tido uma série de romances extraconjugais. Destaca-se o *affair* com celebridades, como a cantora de ópera Georgette Leblanc, a atriz Rejane, Geneviève Halévy (viúva do compositor Georges Bizet), Sarah Bernhardt (considerada por muitos como a mais famosa atriz da história do mundo), Madame X (Virginie Amélie Gautreau), esposa de um banqueiro francês e Emma Sedelmeyer Fischhof (filha de um negociante de arte e esposa de um criador de cavalos). Fischhof, mulher bonita e culta, se tornou amante de Pozzi, em 1890. Sua esposa se recusou a conceder-lhe o divórcio, mas Fischhof permaneceu na companhia do médico durante o resto da vida dele.



Pozzi, em 1918

Em 1883 foi nomeado cirurgião do Hospital de Lourcine-Pascal, que mais tarde seria rebatizado de Broca. Pozzi deu aulas teóricas nesse hospital desde 1884, até que ele fosse capaz de estabelecer sua própria cadeira de ginecologia, que logo se tornou o centro de uma escola reconhecida de ginecologia. Em 1889 ele foi o primeiro na França a realizar uma gastroenterostomia. Em 1885, Pozzi relatou o primeiro caso de doença óssea de Paget, diagnosticado em seu país. Em 1896 foi eleito membro da Academia de Medicina, e em 1897 fundou a *Revue de Gynécologie et de Chirurgie Abdominale*, com Jayle. Em 1901 foi nomeado o primeiro professor da Cátedra de Ginecologia da Faculdade de Medicina de Paris, criado especialmente para ele. Foi, ainda, senador por Dordogne (1898-1903).

No início da I Guerra Mundial, o Professor Pozzi, que tinha sido um voluntário em 1870, retornou ao serviço, apesar de sua idade (68 anos). Em 1911 embarcou com destino a América do Sul, à frente de uma expedição científica à Argentina e ao Brasil. Depois de deixar Buenos Aires, ele e sua equipe viajaram para o Rio de Janeiro a fim de conhecer e estudar a famosa coleção herpetológica (cobras venenosas e rãs) brasileira, no Instituto Butantan, em São Paulo. O chamado Jardim das Serpentes era conhecido por estudar veneno de cobras e seu efeito sobre os seres humanos. Pozzi escreveu sobre suas aventuras com o espírito e o entusiasmo de um jovem e com o apoio da Smithsonian Institution (Washington), publicou *The garden of serpents, Butantan, Brazil*, em 1912.

Pozzi era cirurgião geral, mas a partir do momento da sua nomeação, cada vez mais se dedicou à ginecologia. Ele foi um dos pioneiros desta disciplina na França e, em nome dela, realizou viagens à Inglaterra, Alemanha e Áustria. Visitou muitos serviços médicos fora de seu país e ficou impressionado com o trabalho de Alexis Carrel no Instituto Rockefeller, sobre transplante de órgãos e cultura de tecidos.

Além da elaboração de novas abordagens técnicas, ele escreveu um livro importante sobre a Ginecologia, Clínica e Operatória, que foi traduzido para cinco línguas estrangeiras.



Catherine Pozzi poeta e escritora, filha de Samuel.

Interessado em antiguidades, foi um colecionador de moedas e estatuetas, tendo se tornado presidente da Sociedade de Antropologia, em 1888.

Pesquisador da História da Medicina sugeriu que a morte da princesa Henrietta, filha do rei Charles I, tenha sido em consequência de uma gravidez ectópica rota.

Pozzi era respeitado mundialmente e foi uma figura marcante em eventos médicos, tanto pelo porte físico (alto, esbelto e barba bem cuidada) como pela indumentária (roupa branca e gorro preto florentino) ou, ainda, pela sua aguçada inteligência e indômita capacidade de trabalho.

Era um adepto da cirurgia conservadora, rejeitando a histerectomia indiscriminada, e ensinava a conservação dos ovários. Era, também, um amigo das artes e frequentava os salões parisienses, ponto

de encontro de todos os estudiosos, políticos e artistas da época.

Foi assassinado em seu consultório no dia 13 de junho de 1918, por um ex-paciente (Maurice Machu), portador de distúrbios mentais, que atirou quatro vezes, atingindo o seu abdômen. Foi submetido a uma laparotomia por seu assistente Dr. Martel, mas, devido a gravidade das lesões, ele não resistiu e faleceu. Seu funeral foi realizado em Paris e, de acordo com seu desejo, foi enterrado vestindo seu uniforme militar, em Bergerac. Logo após, o assassino cometeu suicídio.

“Eu sinto muito meu caro em estragar uma noite como esta, mas eu tenho uma bala em meu intestino”. (Samuel Pozzi para Dr. Thierry de Martel no dia 13 de junho de 1918)

16



Membros da Paris Medical Faculty (1904), numa caricatura de Adrien Barrère

(Da esq. para dir): André Chantemesse (1851–1919) Georges Pouchet (1833–1894) Paul Poirier (1853–1907) Paul Georges Dieulafoy (1839–1911) Georges Maurice Dbove (1845–1920) Paul Brouardel(1837–1906) Samuel Jean de Pozzi (1846–1918) Paul Jules Tillaux (1834–1904) Georges Hayem (1841–1933) Victor André Cornil (1837–1908) Paul Berger (1845–1908) Jean Casimir Félix Guyon (1831–1920) Pierre-Emile Launois (1856–1914) Adolphe Pinard(1844–1934) Pierre-Constant Budin (1846–1907)

Gisleno Feitosa

é Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Academia de Medicina do Piauí.

Bibliografia:

- Caroline de Costa and Frances Miller, *The Diva and Doctor God: Letters from Sarah Bernhardt to Doctor Samuel Pozzi* (Xlibris, 2010)
- Caroline de Costa and Francesca Miller - *Portrait of A Ladies' Man: Dr Samuel-Jean Pozzi* (History Today March 2006).
- Samuel Jean de Pozzi no whonamedit.com e na Wikipedia.
- Dr. Pozzi em cyberbiologie (em francês)



Por
LUCIANA GOMES GIMENES
 Administradora de empresas e
 Coordenadora de compras
 São Paulo - SP
lucianagg@uol.com.br

NET *Dicas e links*

*Nesta edição apresentamos boas doses de criatividade, talento e versatilidade proporcionados pela internet e pelos meios de comunicação. Que tal um mergulho no mundo dos “criativos profissionais”? Visite **HYPENESS** e surpreenda-se. Quem sabe você prefira o sonho do estilo moderno de trabalhar e se divertir ao mesmo tempo? Pois então veja o que fazem os **NOMADES DIGITAIS**. Quer mais criatividade? Surpreenda-se com as inovadoras soluções e a iniciativa de pessoas que se dedicam a criar para melhorar o mundo. Visite **QUEM INOVA**. Inspire-se!*



HYPENESS

Quem trabalha com criação sabe o valor que uma boa referência tem – ela pode inspirar a solução que você tanto buscava. Mas se você é um publicitário e estuda apenas referências de publicidade, estará fadado à repetição e não à inovação. Isso também acontece com arquitetos, ilustradores, designers, decoradores, estilistas, empreendedores, planejadores e todas as profissões criativas. O cotidiano desses profissionais é recheado de sites, feeds RSS, newsletters e tweets para sua informação, mas o tempo para consumir esse conteúdo é curto. Pensando nisso, o formato editorial do Hypeness é composto de textos curtos, imagens grandes e vídeos para ninguém perder tempo. Com o posicionamento *Inovação e criatividade para todos*, o Hypeness foi criado para divulgar os conteúdos mais inovadores em áreas como arte, design, negócios, cultura, entretenimento e tecnologia para os criativos pensarem cada vez mais fora da caixa.

<http://www.hypeness.com.br/>

NOMADES DIGITAIS

Que tal trabalhar de um café em Paris? Ou de uma praia na Tailândia? Ou quem sabe, de um restaurante em Tóquio? Se você acha que essa realidade é utópica demais, saiba que estamos na crista da onda de um movimento global formado por pessoas que conseguiram realizar o sonho de trabalhar viajando. Com a evolução da internet e das tecnologias móveis, os Nômades Digitais cada dia mais provam que não é mais preciso trabalhar de um escritório para ganhar dinheiro e ser produtivo.

Lugares incríveis pelo mundo, histórias inspiradoras de empreendedores, tecnologias inovadoras, e o dia-a-dia de um casal que pediu demissão, criou uma empresa de projetos para a internet, e hoje vive trabalhando e viajando pelo mundo.

O Nômades Digitais nasceu para mostrar que você também pode. Inspire-se.

<http://nomadesdigitais.com/>



QUEM INOVA

Quem Inova (QI) é um site que se propõe a mostrar o prazer de fazer diferente. É um projeto jornalístico dedicado a mostrar o encanto da inovação nas mais variadas áreas — da cultura, passando por urbanismo, saúde, comunicações até tecnologia— revelando seu impacto no cotidiano. Com uma ênfase especial nas descobertas capazes de ajudar a criar uma sociedade mais educada e inovadora — as chamadas tecnologias sociais — o jornalista Gilberto Dimenstein mostra um mundo interessante e desafiador que valoriza atitudes de quem persegue sempre o desconhecido, tirando a todos da zona de conforto.

<https://queminoва.catracalivre.com.br/>

SEALAND

o menor país do mundo



Por
ROBERTO ANTONIO ANICHE
Médico, Escritor e Filatelista
São Paulo - SP
aniche@uol.com.br



Bandeira

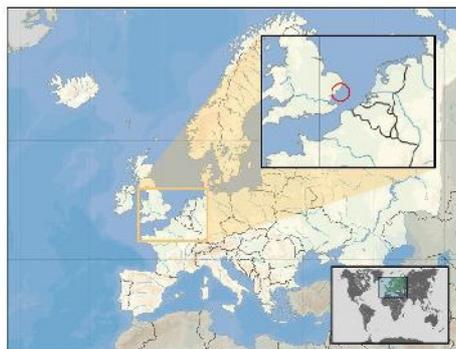
Brasão

GEOGRAFIA

Sealand é um principado não reconhecido pela ONU (e por nenhum estado reconhecido) localizado numa base naval inglesa no Mar do Norte e abandonada após a Segunda Guerra Mundial, a 6 milhas (cerca de 11 quilômetros) da costa de Suffolk, Inglaterra. O único acesso à base é feito por helicópteros, já que o mar revolto impede a aproximação de navios.

Antes chamada de Rough Towers, a base foi uma defesa marítima contra ataques alemães, consistindo em duas grandes torres com capacidade para 200 soldados, desativada assim que a guerra acabou.

18



Um pingo
na Costa da
Inglaterra

HISTÓRIA

A instalação foi ocupada em 1965 (há relatos de ter sido em 1967) pelo ex-major britânico Paddy Roy Bates: seus associados e familiares afirmam que é um estado independente e soberano. Comentaristas externos geralmente classificam Sealand como uma micronação ao invés de um estado não reconhecido. Roy Bates era um excêntrico que ocupou a base navegando em seu barco frigorífico e instalou ali uma rádio pirata (Rádio Essex), sabendo-se protegido, já que a base estava fora do alcance das águas territoriais britânicas (até 3 milhas da costa), portanto, em águas internacionais.

Em 1987 o Reino Unido declarou como águas territoriais o entorno de nove milhas de sua costa, englobando Seland. Em 1990-91 o Reino Unido apresentou evidências em um tribunal administrativo norte-americano, que considerou que o principado



Paddy
Roy
Bates

jamais existiu. A família Bates não contestou, afirmando que norte americanos não tem jurisdição para determinar a legitimidade de outros estados. Embora tenha sido descrito como menor nação do mundo, Sealand não está oficialmente reconhecido como um Estado soberano por nenhuma nação. Seu “proprietário” Roy Bates afirma que é de fato reconhecida pela Alemanha (foi visitado por um embaixador) e pelo Reino Unido (depois que um tribunal Inglês determinou que não têm jurisdição sobre Sealand).

O governo britânico já pensou em retomar a base, no entanto ela é considerada como moradia de uma família britânica, portanto propriedade privada, além de não ter efeito positivo sobre a imagem do país. Tecnicamente falando, Sealand é um país sem território real. O “país” emitiu passaportes e tem operado como uma bandeira do estado de

País
plataforma

conveniência, além de deter o recorde mundial do Guinness para “a menor área para reivindicar a condição de nação”.

Sealand não é um membro da União Postal Universal (UPU), pois o seu endereço para o interior é uma caixa postal no Reino Unido, portanto os selos de Sealand devem ser considerados como cinderelas*. Em 1974 Roy Bates, autoproclamado Príncipe de Sealand, criou uma constituição, um hino e uma bandeira, cunhando moedas de prata e imprimindo selos para correspondências.

Em 1978 um grupo de empresários alemães e holandeses, liderados pelo primeiro ministro de Sealand, Alexander Gachenbach, na ausência de Roy Bates, encenou uma invasão, inclusive sequestrando seu filho e tornando todos os moradores seus reféns. Roy Bates conseguiu recuperar seu “país” prendendo e expulsando os invasores, utilizando-se de um helicóptero com armamentos. Os invasores foram considerados prisioneiros de guerra e repatriados. No entanto um advogado alemão portador do passaporte de Sealand foi considerado traidor. A sua libertação exigiu a presença de um embaixador alemão no principado, já que a Inglaterra não pode interferir na negociação.

Em 1999 o príncipe Michael, sucedeu seu pai Roy Bates que tinha idade avançada e problemas de saúde e decidiu colocar o “país” à venda em 2007, até agora sem compradores (há uma tentativa do Pirate Bay, site de pirataria, comprar para instalar lá os seus servidores, ainda não concretizada).

Em 2008 o “território” sofreu um grande incêndio, mas preservando os geradores de energia, sendo novamente reconstruído.

* Cinderelas: parecem selos, mas por não terem sido emitidos por instituição oficial, não têm valor postal.



ECONOMIA

A economia do principado é baseada na emissão de passaportes, venda de títulos de nobreza, selos de correio, moedas, e-mails, direitos de posse de “pedaços do território”, brindes e lembranças, além do turismo local. Os habitantes moram em instalações de aço, sujeitos ao barulho de geradores durante todo o tempo. O acesso é feito de helicóptero e visitas com hospedagem podem ser marcadas para turismo.



Selos e Moedas como em qualquer país



Curiosamente Sealand mantém um time de futebol. Roy Bates faleceu em 9 de outubro de 2012 aos 91 anos. Apesar de não ser considerado um estado pela ONU, nem estar vinculado à UPU, os selos e envelopes de Sealand são disputados como curiosidades ou mesmo preciosidades. Uma busca simplificada no eBay apresentou 56 resultados, enquanto no Delcampe cerca de 80, incluindo envelopes circulados, selos e blocos.



E futebol... por que não?

Bibliografia:

<http://www.sealandgov.org>
<http://www.sealandgov.org/shop.html#Stamps>
<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1411897-5602,00.html>
<http://rainbowstampsandcoins.blogspot.com.br/2011/04/microstates-01-principality-of-sealand.html>
<http://micronations.wikia.com/wiki/Sealand>
 Guinness Book

A FORÇA DA IMAGEM

da literatura

ficcionista



Por
HELIO MOREIRA
Médico e escritor
Goiânia - GO
drhmoreira@gmail.com

20 **NÃO FAZ MUITO TEMPO**, maio de 2008, estive na companhia de Marília, minha mulher, na Califórnia (USA) e, dentre nossas prioridades, constava uma visita a Monterey, local onde viveu grande parte da sua vida o escritor norte-americano, ganhador do prêmio Nobel de literatura em 1962, John Steinbeck.

Jamais esqueceremos aquela aventura, principalmente as caminhadas que fizemos pelo bairro de Cannery Row, e que culminou com o encontro do busto daquele escritor, nas imediações da Grande restinga, na extremidade da península; Marília, com muita gentileza, pediu que me postasse ao lado da escultura e registrou aquele momento com fotografias que as conservo no meu acervo com muito carinho.

Como sabemos, John Steinbeck escreveu grande número de romances, crônicas e contos, porém o livro de maior notoriedade é o intitulado “As Vinhas da Ira” pelo seu conteúdo polêmico, com discussão sobre o desajuste social, em uma época impensável de ser discutida pela sociedade norte-americana, como foi feito pelo autor.

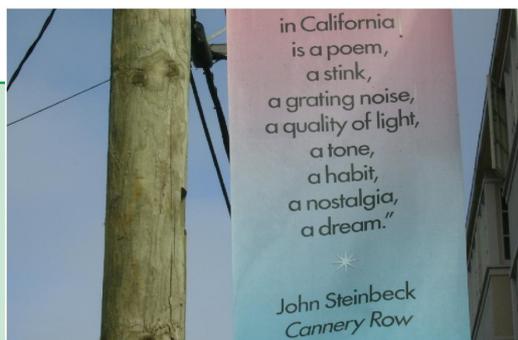
O livro retrata com pincéis cinzentos a situação de uma família de lavradores miseráveis do estado de Oklahoma, que viu como única possível salvação, a emigração para o rico estado da Califórnia; o autor descreve esta epopéia com emoção e realismo inacreditável.

Segundo alguns críticos literários a cena final deste maravilhoso romance é uma das mais famosas e pungentes de toda a literatura norte-americana; resumirei o prelúdio para entenderem o “grand finale”:

“Fugindo de um temporal, a família descobre um celeiro e todos correm para dentro do mesmo para se protegerem; encontraram ali um homem que estava quase morrendo de fome e uma criança que era seu filho, pois estavam sem comida já há vários dias. Uma das moças da família havia perdido o filho, porém continuava com leite no seio”

Vejam comigo a descrição (resumida) feita por Steinbeck da cena que encerra o livro:

“A mãe olhou para Rosa de Sharon e disse – Eu sabia que você era capaz de fazê-lo; Rosa disse baixinho para a família, vocês são capazes de sair todos? Todos voltaram para a chuva!”



Poema de Steinbeck afixado em poste de luz de Cannery Row

Lentamente ela se dirigiu ao canto escuro e ficou-se a olhar o rosto devastado do desconhecido, de olhos arregalados e cheio de temor. Então, vagorosamente deitou-se ao lado dele. O homem abanou vagamente a cabeça de um lado para o outro. Rosa de Sharon afastou o cobertor, deixando o seio a descoberto, colocou-o na sua boca - Tem de ser – disse, aproximando-se mais dele, e puxando-lhe a cabeça para si. Ora vá! Então! Apoiou-lhe a cabeça com a mão, e os seus dedos afagaram-lhe suavemente os cabelos. Ergueu os olhos e deixou-os errar pelo barraco, enquanto os lábios se lhe arqueavam num misterioso sorriso”.

Os escritores que escrevem obra de ficção ficam extasiados, como fiquei, ao perceber a capacidade que tem Steinbeck de “segurar o tema”, mantendo os leitores presos à narrativa até a última linha do texto, com imagem simbólica inacreditável (a mulher pobre desnutrida, socorrendo o homem pobre desnutrido).

No entanto, nem todos os leitores olham os textos somente com olhos de encantamento; alguns procuram lê-los com lentes de aumento, abstraindo-se da necessária disposição para textualizá-lo no maravilhoso mundo do “faz de conta”; procuram nas cenas descritas situações não plausíveis, como aconteceu com a cena que acima transcrevi.

O Prof. John Sutherland, professor de literatura estrangeira e crítica literária no Colégio Universitário de Londres, autor do livro “Curiosities of Literature” pediu aos seus alunos que analisassem criticamente o citado trecho; para sua surpresa um dos alunos trouxe o seguinte comentário, que transcrevo resumidamente.



*Ao lado do Busto de John Steinbeck
(Cannery Row, Califórnia)*

“Uma lactente e sadia mãe de primeiro filho, sem estresse e bem nutrida, secreta cerca de 700 ml de leite por dia; o valor calórico do leite materno é de 70 calorias para cada 100 ml (uma mamada), este valor preenche os requisitos de uma criança recém-nascida. A doadora (Rosa de Sharon) do leite para aquele homem do romance de Steinbeck, era uma mulher mal nutrida, quase entrando no mesmo estado de caquexia que o homem, além de estar em estado de depressão pós-natal (havia sido abandonada pelo marido).

Mesmo considerando que ela conseguiu fornecer os 100 ml de leite para aquele homem que estava morrendo de fome, este alimento equivaleria, em calorias,



Selo emitido nos EUA em 1979

ao valor contido em uma geléia feita de duas jujubas e, se aceitarmos que ela continuou a amamentá-lo durante todo o dia (sete vezes, na média), forneceria no máximo 14 geléias que haveremos de concordar que não é suficiente para recuperar um homem em caquexia”.

Felizmente a pena adestrada do artista da escrita, ao narrar uma cena com tamanha sensibilidade como fez Steinbeck, não se preocupa em fazer cálculos de calorias, deseja apenas extravasar suas emoções.

O que diria aquele estudante inglês ao ler esta cena que escrevi no livro “Couto de Magalhães, o último desbravador do Império”?

“Tudo principiou com uma desgramada de uma ferpa que atingiu a veia-artéria do Pipoca, desandou uma sangria desatada, que não parava nem com reza brava. Coloquei picumã, fumo, pó de café com açúcar, esterco de vaca, apertei o local até dar câimbra no dedo e nada, a danada da veia-artéria esguichava longe, sem parar; só aí me lembrei de outro caso igual e que minha sabença deu resultado. Descobri um formigueiro de formiga cabo verde que é, como vancês tudo sabe, umas formigonas pretas e que medem o tamanho da metade do meu dedo minguinho, agarrei umas e coloquei dentro do chapéu, para escapar das ferroadas, e trouxe para perto da perna do Pipoca; agarrei uma formiga pela bundinha e fiz dar uma lacraçada com o ferrão bem na veia-artéria; a hora que senti firmeza que ela estava bem grudada, cortei o corpinho dela e deixei lá o ferrão apertando a veia artéria acudindo a sangueira. Parou”.

A DIFICULDADE DE SE SENTIR AMADO



Por:
RODRIGO CONTRERA
Jornalista, escritor, filósofo,
autor de teatro, ator
Taboão da Serra - SP
rodrigo_contrera2@hotmail.com

Quando a gente discute ou reflete sobre amor e sobre pessoas que têm problemas com isso, tendemos a pensar que talvez o maior obstáculo ao amor seja não conseguir amar. Mas tenho refletido algo sobre isso e penso que talvez o problema seja outro: não querer, conseguir ou sequer tentar se sentir amado/a. Não falo (apenas) de amor romântico. Falo por experiência própria e pelo que eu vejo de meus entes queridos ou nem tão queridos.



22

CADA UM TEM seus próprios problemas.

Difícilmente nos formamos como pessoas da forma como gostaríamos. Pois a verdade é que ou temos mães ou pais com seus próprios problemas, e ausentes ou de alguma forma incômodos, ou temos problemas com amigos, conosco mesmos ou com a realidade em si. De alguma forma, em várias situações, podemos – digo podemos, não digo com certeza absoluta – acabar nos tornando meio reativos ao contato.

A psicologia rasteira tende a achar que quando temos problemas de admitir ser amados isso deve ser problema de autoestima. Ou seja, gostamos pouco de nós mesmos e portanto tendemos a reagir ao amor do outro com recusa. Mas acho essa explicação, como já disse, rasteira.

Meu pai era um cara ensimesmado, para dizer o mínimo. Tinha suas fixações e seus problemas. Não me lembro de UMA VEZ em que eu tenha conversado com ele. Bom, tivemos nossos problemas – sérios –, e um dia ele precisou do apoio da família. Claro, a situação era complicadíssima, séria mesmo, e nessas situações é preciso aquele IT que faz a diferença. Bom, não houve nada disso. Os desentendimentos só se acirraram e assim a situação foi sendo “resolvida”.

Penso nele, num cara com questões mal-resolvidas, com situações incômodas, com erros sendo cometidos, com incompreensões, etc. E penso se ele aceitava ser amado. Não sei. Não posso generalizar e dizer que tudo vinha daí. Ele está morto há quase 20 anos e nem quero lembrar tudo o que passamos. Mas é uma hipótese.

No caso de outros entes queridos, quase a mesma coisa. Pessoas que se dedicam a você continuamente – mães, irmãos, amigos, namoradas, etc. – que não aceitam uma resposta de carinho – ou que fazem de conta que não é com elas. Ou que, quando respondemos de forma similar à que essas pessoas



utilizam para nos demonstrar carinho, desconsideram ou têm algo mais a fazer. Com o tempo, a gente acaba se afastando – ou não. O carinho a ser demonstrado fica lá para trás. A gente prefere deixar passar. Cada um toma seu caminho – e um dia a gente, com grande possibilidade, nota que era isso mesmo – essa pessoa tinha uma dificuldade muito grande em ser amada.

Conheço gente que tem problemas similares com parentes, geralmente mães e pais. Mas novamente não posso generalizar. O mundo é duro, e temos de nos virar. Pessoas que respondem com dureza diante de pedidos de carinho muitas vezes simplesmente não têm tempo ou acham – muitas vezes com razão – que não podemos ficar por aí reclamando ou dando uma de frágeis, pedindo colo. Não é por isso que

podemos achar que tais pessoas não conseguem ou têm dificuldade em ser amadas. Às vezes – muitas vezes – o problema pode mesmo ser outro.

Claro que temos de distinguir, aqui, claramente o amor, puro e simples, do amor romântico. Não podemos dizer que quem tem problemas de ser amado tem também dificuldade de admitir qualquer amor romântico. O amor romântico segue, pelo que noto, suas próprias regras. Ou seja, não posso dizer que aquela pessoa que alguém ama romanticamente não ama ou tem dificuldade de me amar (também romanticamente) essa pessoa porque tem dificuldade em ser amada, pura e simplesmente. No amor romântico há a questão, pura e simples, da escolha.

Mas seja como for, noto, sim, que em muitos casos quem não ama romanticamente alguém parece ter, em alguma medida, uma certa dificuldade ou restrição em ser amado/a. Por que digo isso? Porque noto que há certas ocasiões em que o objeto do amor romântico meio que desconsidera, pura e simplesmente, que o amor e o amor romântico seguem regras que às vezes independem, em alguma medida, da liberdade de escolha. Mas isso é problema para outro artigo.

Como assim, vocês irão dizer. Nada, não. É que acho que às vezes as coisas simplesmente acontecem. Mas tudo bem. Nada demais. Voltando ao caso da dificuldade em ser amado. Há pessoas que passam boa parte do tempo da vida com essa dificuldade. Recusam namoros porque simplesmente não conseguem aceitar a ideia de serem vistos como namorados. Recusam interesses diversos pelo mesmo motivo. Em parte por problemas de autoaceitação. Em parte, de autoestima. Depois embarcam em longos relacionamentos sequer vendo que eram objetos de amor romântico intenso e quase cego. Tudo então acaba e essas pessoas ficam a ver navios.

Eu mesmo não sei bem o que penso a respeito. Só sei que acredito ter aprendido, muito recentemente, o que é realmente amar – amar por si só e, creio, romanticamente – e que vejo algo em que antes simplesmente não reparava. Qual seja, a capacidade do outro de amar e de ser amado. Não é à toa que MUITO aconteceu nas últimas semanas que simplesmente MUDOU RADICALMENTE minha vida. Com parentes, amigos, amigas, vizinhos, etc. Abri minha cara a tapa e não levei tapas. Ao contrário, levei só flores. Um dia conto.

Lápide



Por
JOSYANNE RITA DE ARRUDA FRANCO
Médica e Escritora
Jundiaí - SP
josyannerita@gmail.com

**Quando meus olhos não mais tiverem vida
e a sombra de outra tarde vestir a escuridão
eu quero estar a sós na grande despedida
e só depois da aurora recolham-me ao chão.**

**Porque as horas brandas esquecerão intrigas
jogando ao solo fértil lembranças que se vão
ingurgitar de encantos a nova hospedaria
enquanto desce o corpo que abandonou paixão.**

**Assim é o fim de tudo... ocaso de uma vida!
Retalhos da memória que aos poucos evanesce
sem conceder descanso àquilo que não finda:**

**A prece que ainda vive é paz não consentida
perdão ao que restou, o laço que entenece
a vida enfim extinta... perpetuada messe!**